

A HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO PELA ARTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Poliana Franco Braga¹, Larissa Alves Marcelino¹, Joselina Rodrigues Moreira¹, Isabella Marques de Almeida Freitas¹, Daniel Antunes Freitas¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, Medicina, Montes Claros, MG, Brasil.

Resumo: A Arte, no contexto do processo saúde-doença, é um mecanismo de humanização do cuidado ao indivíduo, de forma a proporcionar melhor qualidade de vida ao desenvolver um ambiente acolhedor capaz de desviar a atenção do paciente hospitalizado de seus problemas. Considerando a relevância deste cuidado, é imprescindível que a formação do acadêmico aborde a melhoria do atendimento em saúde pautado na humanização proporcionada pela arte, justificando, assim, a criação do projeto SensibilizArte. O objetivo do presente estudo é relatar as atividades práticas realizadas pelos acadêmicos vinculados ao projeto. Composto de quatro frentes, Música, Contação de histórias, Artesanato e Palhaçoterapia, as atividades foram realizadas com os pacientes hospitalizados no Hospital Universitário Clemente de Farias, em Montes Claros - MG. Foram conquistados diversos sorrisos, abraços, histórias por meio das ações, promovendo um efeito duplamente benéfico, um avanço no estado de humor dos pacientes, e o despertar de maior empatia aos acadêmicos participantes.

Introdução:

As condições de doença estão presentes em várias etapas da vida, as quais prejudicam diferentes aspectos da saúde humana, como o estado físico, mental e espiritual, comprometendo a qualidade de vida. Tem-se, para os que necessitam de cuidados, a referência da figura do hospital e dos profissionais de saúde como de auxílio ao restabelecimento da saúde. No entanto, em ambientes mecanicistas e de desumanização, é deixado em segundo plano a importância da arte de cuidar e o suporte ao paciente. (MORCERF et al, 2015)

Na tentativa de contrapor a esse cuidado mecanista, a humanização hospitalar surge no intuito de ofertar um atendimento à saúde de qualidade, com articulação de recursos para proporcionar melhorias nos ambientes de cuidado e nas condições de trabalho dos profissionais, além do atendimento afetuoso, empático e atento às necessidades do paciente. Para operacionalizar tal prática, deve-se haver uma modificação cultural das instituições de saúde, afim de assumir postura ética de respeito ao outro e de acolhimento, em que o usuário possa ser visto como um cidadão e não apenas consumidor dos serviços de saúde (ESTEVES; ANTUNES; CAIRES, 2014). No Brasil, houve a formalização deste conceito a partir da Política Nacional de Humanização, cujo objetivo é envolver cuidadores e demais atores do contexto hospitalar na construção de um novo método de fazer saúde (BRASIL, 2013).

Nesse contexto, com intuito de ampliar o vínculo entre pacientes e profissionais da saúde, promovendo humanização e melhora na qualidade de vida dos envolvidos, a arte torna-se um instrumento terapêutico utilizado por diversos grupos. A utilização da arte, agregada à alegria e ao bom humor, são ferramentas de transformação do processo saúde-doença, uma vez que é criado um ambiente de cuidado acolhedor capaz de desviar a atenção do paciente hospitalizado de seus problemas, além de instiga-lo a participar ativamente de sua recuperação. (MORCERF et al, 2015)

Em vista da importância do cuidado humanizado, o projeto SensibilizArte foi criado o propósito de inserir, já no ambiente acadêmico, uma noção de humanismo e vínculo entre o profissional e o paciente que se aplicará durante toda sua vida profissional. Posto isso, o presente estudo tem como objetivo relatar as atividades práticas realizadas pelos acadêmicos vinculados ao projeto no ano de 2018.

Relato de Experiência:

Considerando a necessidade de humanização do futuro profissional médico e de desvincular a imagem fria e estereotipada da profissão, o comitê local Unimontes da *International Federation of Medical Students Associations of Brazil* (IFMSA Brazil) iniciou a realização da atividade de extensão “SensibilizArte” em fevereiro de 2017, e renova o programa anualmente desde então. A estruturação do SensibilizArte compõe-se de 9 coordenadores acadêmicos de medicina, que se dividem em funções relacionadas ao projeto, juntamente ao professor orientador. O projeto constitui-se de quatro frentes: Música, Contação de histórias, Artesanato e Palhaço. A convocação dos acadêmicos voluntários para cada frente foi realizada através de uma seleção, por meio de entrevistas e testes de aptidão sob orientação do professor coordenador do projeto. Os acadêmicos selecionados participaram de capacitações gerais e específicas de cada frente. As capacitações gerais abordaram os temas de humanização hospitalar, biossegurança, voluntário-apoio e desinibição. As capacitações específicas são voltadas às demandas de cada frente, por exemplo a frente de artesanato é capacitada por uma artesã, a frente de contação de histórias por uma professora de Teatro, a palhaçoterapia por um palhaço. As atividades principais do projeto são realizadas no Hospital Universitário Clemente Faria da cidade de Montes Claros, cujo público-alvo foram os pacientes internados e seus respectivos acompanhantes. Foram realizadas entradas em outras instituições parceiras do projeto, por meio de atividades extras. A cada atividade, as frentes artísticas buscam encontrar os sorrisos perdidos de cada paciente, e no caminho acabam também saindo mais sorridentes.

Responsáveis por içar a energia dos pacientes, a frente da Palhaçoterapia era composta por dez participantes, graduandos da Unimontes, dos cursos de Medicina, Enfermagem e Ciências Sociais, destes um era o coordenador responsável por capacitar e orientar o grupo. Uma das definições da Palhaçoterapia é a "implementação de técnicas de palhaços derivadas da arte circense, para o contexto da doença, no intuito de melhorar o humor das pessoas e seu estado mental"(CATAPAN,2018). Tal conceito se aplica perfeitamente às ações realizadas por esta frente, pois foram coletados inúmeros sorrisos, histórias, brincadeiras e abraços que contribuíram para alterar positivamente a atmosfera do hospital. Este ambiente lúdico criado favorecia tanto adultos quanto crianças na fuga da realidade que, de modo semelhante aos sonhos, auxiliam o paciente a lidar com conflitos e manter o equilíbrio mental (CATAPAN,2018). Além da habilidade de fazer palhaçadas, o grupo utilizava artifícios para estes feitos como balões em formato de cachorro, tatuagens removíveis e brincadeiras em grupo. Embora, o principal e maior “artifício” tenha sido ouvi-los e trocar experiências de forma descontraída, motivo pelo qual os palhaços carregam a gratidão como principal ganho desta experiência.

Competentes em transformar cifras em notas, a frente de música também apresentava dez participantes, graduandos dos cursos medicina, educação física e enfermagem, contando com um coordenador responsável por orientar e capacitar o grupo. As músicas mais pedidas durante as entradas pelos pacientes eram: Faz um milagre em mim - Regis Danese, Evidências -

Chitãozinho e Xororó, Menino da Porteira - Sérgio Reis e eventualmente músicas de forró do Falamansa. Como é possível notar, esses pedidos representam a cultura local, por isso remetiam de maneira intimista ao passado dos pacientes e as boas lembranças fora do ambiente hospitalar. Um exemplo do benefício desse resgate através da memória musical foi um caso emocionante que aconteceu em uma das entradas, um paciente pediu para tocar o violão afirmando ter saudades de tocar o instrumento, ao tocar era perceptível sua emoção e felicidade. Como a música desperta memórias, além de levá-la de forma acessível e descontraída aos pacientes, na maioria das vezes, os participantes desta frente eram ouvintes de diversas histórias. Logo, foi consenso que o maior ganho para equipe da música foi levar sensibilidade e resgatar boas sensações contribuindo para tornar o ambiente hospitalar mais familiar ao paciente através da música.

A frente do artesanato contava também com 10 membros, todos estudantes de medicina, sendo um o coordenador responsável. Em todas as entradas o grupo produzia um objeto para cada pessoa hospitalizada, como centopeias decorativas, maletas com reaproveitamento de embalagens para sorvete, jogos de tabuleiro, quites de higiene para crianças. As pessoas que não apresentavam mobilidade comprometida eram convidadas a se dirigir à ala de convivência do hospital e ajudavam a confeccionar os seus próprios artesanatos. A arte de confeccionar utensílios se mostrou muito eficaz em levar os pacientes a distração da situação de doença e promover a interação entre os hospitalizados, um benefício que permanece mesmo após o fim da atividade da entrada. Um marco para a equipe de artesanato foi um paciente pediátrico que se encontrava muito debilitado, mas apresentava uma energia incrível, sorridente, mobilizou todos os participantes da equipe a brincar com ele. Esta frente utilizou a habilidade das mãos, da reciclagem, para encontrar o sorriso e incentivar amizades.

A Contação de Histórias é uma atividade significativa, quando bem narrada e interpretada, pois assim suscita no ouvinte, criança, jovem ou adulto, que ele pense sobre o que acontece na história, e isso torna as sensações dolorosas mais toleráveis, levando ao esquecimento temporário do desconforto da hospitalização (GERMANN, 2015; SILVA, 2016). Essa atividade, além de produzir benefício físico e mental para o paciente, contribui, principalmente quando contada para crianças, para o desenvolvimento intelectual, uma vez que desperta o interesse por narrativas e cenários construídos em livros (NICOLINO, 2015). A equipe de Contação de Histórias do SensibilizArte era, inicialmente, constituída por 12 pessoas que individualmente, preparavam histórias lúdicas para serem contadas no Hospital Universitário, após capacitações realizadas com profissionais da área. Nos dias das entradas cada um dos integrantes contava a respectiva história, sem que um paciente internado que quisesse ouvir deixasse de escutar a narrativa, recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos foram contemplados. A última faixa etária, diversas vezes compartilhava suas próprias histórias, contribuindo para a interação do grupo com os ouvintes. O entretenimento do público era evidente, com participação ativa nas histórias, reações únicas e estabelecimento de vínculo com os contadores.

Ocorreram também durante o ano entradas conjuntas que foram realizadas algumas vezes com todas as frentes, e outras com a combinação de duas frentes, e possibilitaram, frequentemente, prestar uma atenção maior e mais direcionada ao paciente. A primeira entrada conjunta, uma das mais marcantes, foi ao “Lar das velhinhas”, na qual as funções de cada frente se misturaram, e o principal objetivo foi atingido, a escuta de cada um dos idosos ali presentes.

Em outra ocasião, com a junção da Palhaçoterapia à Contação, as histórias foram encenadas pelos palhaços e mesmo aquelas que não tivessem como objetivo fazer rir deixaram um sorriso no rosto de vários pacientes. Outro exemplo foi uma entrada na Associação Presente de Montes Claros com todas as frentes, na qual ocorreu um acontecimento não programado: uma pequena quadrilha foi organizada com a participação de diversos pacientes oncológicos, que visivelmente ficaram felizes e gratos pelo evento.

Conclusão:

Os efeitos terapêuticos da arte têm sido reconhecidos por alguns séculos e, nas últimas décadas, foram desenvolvidos estudos científicos sistemáticos que objetivaram, sobretudo, compreender os efeitos da arte sobre a saúde dos pacientes. Entretanto, com relação ao estudo da relação entre arte e humanização, a literatura científica ainda é escassa (SATO, 2015). No entanto, empiricamente, podem-se ressaltar os possíveis impactos do projeto na saúde dos pacientes internados no Hospital Universitário e demais instituições visitadas. Observa-se melhora no humor dos acompanhantes e dos assistidos, recuperação mais plena, frequentemente melhor adesão ao tratamento, além de alívio momentâneo de sintomas antes impossíveis de serem ignorados, de maneira análoga esses aspectos também foram apontados por outros estudos (NICOLINO, 2015).

O SensibilizarArte proporciona ainda um outro benefício, este para o acadêmico que ao participar do projeto, além de desenvolver habilidades de comunicação e desinibição, entra em contato com o ser humano fragilizado pela doença. Ao conseguir levar alento às dores do outro por meio da expressão artística, o estudante tem a possibilidade de desenvolver um sentimento mais profundo de empatia, o que torna a experiência de participação do projeto transformadora. Essas mudanças citadas podem culminar na formação de um profissional mais humano e mais capacitado para lidar com o processo saúde-doença. O projeto, assim, pode ser caracterizado como duplamente benéfico, uma vez que produz efeitos positivos para o acadêmico e para o paciente assistido.

Referências:

- 1- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília, 2013.
- 2- CATAPAN, S.C., OLIVEIRA, W.F., ROTTA, T.M. **Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: Uma revisão bibliográfica**. Revista Ciência & Saúde coletiva. 2018.
- 3- ESTEVES, C.H., ANTUNES C., CAIRES S. **Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada**. Interface (Botucatu). 2014; 18(51):697-708.
- 4- GERMANN, D.S. **A contação de histórias para crianças hospitalizadas do Hospital da criança conceição (HCC)**. 2015. Trabalho de Conclusão (Curso Técnico em Registro e Informações em Saúde) - Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2015.
- 5- MORCERF, C.C.P., et al. **Projeto de extensão ilumine: a entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar**. Revista Conexão UEPG, vol. 11, no. 1, 2015, pp. 88-99. Editorial Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- 6- NICOLINO, T.N.A., et al. **Contação de história na unidade pediátrica: percepção de acompanhantes de crianças hospitalizadas**. Rev Enferm UFSM, v.5, n.1, p. 32-3, Jan/Mar 2015.

- 7- SATO, M., AYRES, J.R.C.M. **Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica.** Interface (Botucatu), v.19, n.55, p. 1027-1038, Dez. 2015.
- 8- SILVA, S.O., et al. **Rodas de sonho e imaginação: contando histórias em um serviço de quimioterapia infantil.** Rev Enferm UFSM. v.6, n.3, p. 434- 441, Jul/Set, 2016.